



O Arsenal fechou patrocínio milionário com um dos países mais pobres do mundo

Recentemente, o Conselho de Desenvolvimento de Ruanda assinou um contrato de patrocínio com o Arsenal, clube londrino da Premier League. Ao longo de um período de três anos, o pequeno anúncio “Visit Rwanda”, na manga do uniforme, custará ao país 39 milhões de dólares. O presidente de Ruanda, Paul Kagame, é fã leal do Arsenal.

O país é o 19º mais pobre do mundo, com uma renda per capita de cerca de 700 dólares. O Arsenal é um dos clubes de futebol mais ricos do mundo. Não é surpresa, portanto, que o acordo tenha incomodado.

Legisladores holandeses reagiram com indignação à notícia, pois Ruanda recebe um substancial apoio humanitário da Holanda. Reações similares ocorreram no Reino Unido, o segundo maior doador bilateral de Ruanda. Além disso, aqueles preocupados com a democracia e os direitos humanos acham que o acordo envia a mensagem errada sobre um país com um líder autoritário.

Kagame fez um acordo com seu clube favorito para promover o turismo ou para melhorar sua imagem? Ele pode ter tomado a decisão por conta própria: o contrato parece não ter sido discutido com seu gabinete e o dinheiro não figura no orçamento aprovado pelo Parlamento.

O raciocínio de Ruanda

Para o governo ruandês, o acordo é parte de uma estratégia mais ampla para impulsionar o turismo, que em 2017 representou algo em torno de 12,7% do PIB. O país vê o turismo de luxo e de convenções como importante. E Ruanda tem muito a oferecer: exuberantes paisagens verdes, os gorilas das montanhas dos vulcões Virunga, o parque selvagem de Akagera etc.

Essa estratégia faz sentido no papel. O Estado investiu pesado na companhia aérea nacional RwandAir, construiu o Centro de Convenções Kigali, hotéis de alto padrão e também planeja um novo aeroporto internacional.

Há, porém, dúvidas sobre a rentabilidade dos empreendimentos. A RwandAir ainda não obteve lucro 14

anos após o seu lançamento. O governo a mantém com um subsídio anual de 50 milhões de dólares apenas para suas operações.

Cálculos econômicos são para o governo ruandês ponderar. Mas o Arsenal considerou o sinal que está enviando à luz do histórico negativo de Kagame em relação a direitos humanos e democracia?

Risco para o Arsenal

A jornalista investigativa canadense Judi Rever registrou recentemente em seu livro, *In Praise of Blood: The Crimes of the Rwandan Patriotic Front*, que o regime de Ruanda massacrou dezenas de milhares de civis inocentes, especialmente nos anos 1990.

No ano passado, a Human Rights Watch publicou relatórios preocupantes sobre abusos de direitos humanos no país. Eles incluíram o aprisionamento e a detenção arbitrária de pobres em “centros de trânsito”, repressão generalizada em casos de disputas territoriais, execuções extrajudiciais e detenção ilegal e tortura em instalações militares.

Além disso, o país tem, de fato, um partido único, sem oposição política significativa, sem liberdade de imprensa e sem sociedade civil independente.

O controle de Kagame é absoluto. Em agosto passado, ele foi reeleito com mais de 98% dos votos. Em 2015, um referendo sobre uma emenda constitucional garantiu-lhe o direito de ficar no cargo até 2034.

Ética política e esporte

É verdade que a ética política e os esportes não combinam muito. Até recentemente, o Barcelona concordou com um patrocínio do Catar, que trazia o nome do país nas camisas da equipe.

O Catar tem um histórico político atribulado. Devido ao status de sede da Copa do Mundo de 2022, é conhecido por seu notório abuso aos direitos humanos, especialmente quando se trata dos direitos de trabalhadores migrantes e das mulheres.

Outro exemplo é o Atlético de Madrid, controversamente patrocinado pelo Azerbaijão, país-sede da Euro 2020. A Anistia Internacional lista o país do Leste Europeu entre aqueles que abusam da “repressão ao direito à liberdade de expressão, particularmente após revelações de corrupção política em larga escala”.

Não que isso faça alguma diferença, mas Catar e Azerbaijão são muito ricos, enquanto Ruanda é muito pobre.

Outro ponto: muitos fãs do Arsenal opuseram-se ao acordo, mas por não gostarem do design no uniforme do clube.

**Professor de Direito e Política no Instituto de Políticas e Gestão do Desenvolvimento, Universidade de Antuérpia (Bélgica). Uma versão diferente deste texto foi publicada em The Conversation (<https://theconversation.com/us>)*